



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE LETRAS: LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

DANIELE DA SILVA OLIVEIRA

**MULTILETRAMENTOS E ABORDAGEM COMUNICATIVA NO ENSINO E
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO
MUNICÍPIO DE SERRINHA NO ESTADO DA BAHIA**

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2025

DANIELE DA SILVA OLIVEIRA

**MULTILETRAMENTOS E ABORDAGEM COMUNICATIVA NO ENSINO E
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO
MUNICÍPIO DE SERRINHA NO ESTADO DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – Campus
XIV, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras, Língua Inglesa e
Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Arcuri Eluf.

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2025

DANIELE DA SILVA OLIVEIRA

**MULTILETRAMENTOS E ABORDAGEM COMUNICATIVA NO ENSINO E
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO
MUNICÍPIO DE SERRINHA NO ESTADO DA BAHIA**

Monografia apresentada ao curso de Letras, Língua Inglesa e respectivas Literaturas, do Departamento de Educação – DEDC - Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito final a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês.

Aprovada em: 11/07/2025

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cristina Arcuri Eluf (Orientadora)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



Profa. Dra. Anna Karyna Torres Côrtes (Professora de TCC II)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



Profa. Me. Mônica Veloso Borges (Convidada)
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita desse Trabalho de Conclusão de Curso não foi fácil, bem como a caminhada da graduação até chegar aqui, foram noites mal dormidas, dias com angústias, com trabalhos para entregar, carga horária de aulas extensa e vida pessoal andando em paralelo. Como diz minha querida orientadora, a vida pessoal não para enquanto estamos percorrendo esse novo caminho que é a Universidade.

Todavia, tem pessoas que fazem esses anos de graduação valerem a pena e ficarem mais leves. Sendo assim, primeiramente quero agradecer a Deus, pois ele é meu alicerce e quem me dar combustível diário para trilhar todos os caminhos. A meus pais, que em todos os momentos da minha vida me incentivaram a estudar e ser uma pessoa melhor. Aos meus irmãos, por todo o apoio ao longo da vida, em especial a Ereni e Erilma, pois sempre perguntam como anda minha vida, me apoia, incentiva e me ajuda sempre que podem. Talvez sem o incentivo de Ereni, ao pagar um curso de inglês para mim na adolescência, eu não estaria hoje aqui, cursando inglês e quase finalizando uma graduação.

Ao meu marido e Amor Lucas, que está ao meu lado todos os dias fazendo os meus dias serem mais incríveis e felizes, me incentivando sempre. Sobrinhos, cunhadas e cunhados, pelo carinho de sempre e a toda minha família e amigos que torcem por mim. Isto inclui a família que ganhei ao me casar com Lucas.

A minhas colegas e amigas Verônica e Pamela, por trilhar e dividir esse caminho comigo, dividindo alegrias e tristezas em todas as disciplinas, a todo momento incentivando e apoiando umas as outras, nunca largando a mão de ninguém.

A minha professora e orientadora maravilhosa e incrível, Cristina Eluf, que sempre me apoiou desde o início do projeto e me mostrou que eu era capaz de fazer esse trabalho, sem a senhora eu não faria nem metade do que consegui fazer. Com certeza, a senhora cumpriu o papel da profissão que carrega.

Por fim, agradeço também a todos os meus professores que contribuíram para a finalização desse trabalho. Gratidão por cada correção a fim de torná-lo melhor.

Amo a cada um de vocês que de uma forma ou de outra me ajudou a vencer este processo.

RESUMO

Essa pesquisa analisa as interfaces entre os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa, suas características e como eles são usadas nas salas de aula de Língua Inglesa. Para desenvolver essa pesquisa, consideramos a Pedagogia dos Multiletramentos proposta pelos estudiosos do *New London Group*, em consonância com os pressupostos metodológicos da Abordagem Comunicativa. Utilizaremos também as contribuições de Paulo Freire, que definiu a Pedagogia Crítico-reflexiva para a educação que revolucionou os conceitos de aprendizagem em todo o mundo. A análise metodológica dessa pesquisa será de cunho qualiquantitativo, para investigar como os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa são utilizadas nas aulas de Língua Inglesa de duas escolas públicas estaduais do município de Serrinha no estado da Bahia e como eles podem facilitar o aprendizado dos alunos. Assim, utilizei também a metodologia híbrida, difundida por Lankshear e Knobel (2013) como *Let's see* e *Try on*, como alternativa metodológica para trabalhar com os Multiletramentos.

Palavras-chave: Multiletramentos; Abordagem Comunicativa; Língua Inglesa; Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT

This research analyzes the interfaces between Multiliteracies and the Communicative Approach, their characteristics and how they are used in English language classrooms. To develop this research, we consider the Pedagogy of Multiliteracies proposed by scholars from the New London Group, in line with the methodological assumptions of the Communicative Approach. We will also use the contributions of Paulo Freire, who defined the Critical-Reflective Pedagogy for education that has revolutionized learning concepts around the world. The methodological analysis of this research will be qualitative-quantitative, to investigate how Multiliteracies and the Communicative Approach are used in English language classes in two state public schools in the municipality of Serrinha in the state of Bahia and how they can facilitate student learning. Thus, I also used the hybrid methodology, disseminated by Lankshear and Knobel (2013) as Let's see and Try on, as a methodological alternative for working with Multiliteracies.

Keywords: Multiliteracies; Communicative Approach; English language; Teaching/Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	INTERFACE DOS MULTILETRAMENTOS PARA A APRENDIZAGEM E O ENSINO DE LI	12
3	A ABORDAGEM COMUNICATIVA COMO UM FACILITADOR PARA A AQUISIÇÃO DE LI	16
4	PERCURSO METODOLÓGICO	22
5	ANÁLISE DE DADOS	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O uso dos Multiletramentos e da Abordagem Comunicativa, nas salas de aula de Língua Inglesa (doravante LI) é de suma importância, pois o professor crítico/reflexivo vai buscar as melhores formas de ensino para seus alunos, fazendo com que tenham mais interesse pela aprendizagem e tenham melhores resultados na aquisição da LI. Todavia, percebemos que muitos professores são reféns de uma determinada metodologia e não tem a liberdade ou o olhar crítico para perceber que não existe apenas um método ou apenas uma proposta de ensino que possa ser a melhor opção, a mais eficaz e que possa garantir aprendizagem de uma língua estrangeira, no caso a LI.

É fato que a utilização de métodos/metodologias arcaicas para o ensino de línguas, ainda se faz presente em muitas escolas. Tais métodos não correspondem à realidade dos alunos, uma vez que o mundo mudou consideravelmente nas últimas décadas em virtude da ubiquidade das tecnologias e da digitalidade em nossas vidas. Quando não há conexão com a realidade dos alunos, as aulas tornam-se desinteressantes, monótonas e sem sentido principalmente para as novas gerações. Nesse cenário, alunos ficam desmotivados, apresentam baixo rendimento no aprendizado de LI, então constata-se uma baixa porcentagem de estudantes que conseguem se comunicar na língua.

A escolha dos materiais didáticos utilizados em aula deve contemplar as necessidades de nossos alunos, considerar o meio social de cada situação de aprendizado. Deve-se considerar, também, o contexto de cada sala de aula e o conhecimento de mundo dos aprendizes a fim de conectar a LI com as vivências dos aprendizes. As aulas de inglês devem ter um motivo claro e serem motivadoras, desse modo o material usado precisa ser relacionado às necessidades dos alunos e o professor não deve estar vinculado somente a um único método, para que o professor não fique limitado a uma única forma de ensinar, a fim de garantir o sucesso de seu trabalho em sala de aula.

O autor Bissaco (2015) ao se referir ao Pós Método proposto por Kumaravadivelu (1994), afirma que o professor pode/deve utilizar dispositivos como as macro-estratégias propostas no Pós Método, como por exemplo, maximizar oportunidades de aprendizagem, minimizar incompatibilidades de aprendizagem,

facilitar a interação negociada, promover a autonomia do aprendiz, estimular a conscientização da língua, ativar a intuição heurística¹, contextualizar o *input* linguístico, integrar as habilidades de linguagem, garantir a relevância social e ampliar a consciência cultural (Bissaco, 2015). Embora a teoria do Pós Método de Kumaravadivelu (1994), seja de extrema relevância para os estudos sobre metodologias/métodos e técnicas de ensino da contemporaneidade, optamos por não nos aprofundarmos nessa teoria e assim poder concentrar somente na interface aqui proposta entre os Multiletramentos e Abordagem Comunicativa. Nesse sentido, ressaltamos anteriormente a leitura de Bissaco (2015) sobre o Pós Método, uma vez que as macro-estratégias citadas acima propostas por Kumaravadivelu (1994) estão em harmonia com algumas estratégias dos Multiletramentos e da Abordagem Comunicativa.

A fim de desenvolver essa pesquisa, consideramos a Pedagogia dos Multiletramentos proposta pelos estudiosos do *New London Group*, doravante NLG (1994), em interface com os pressupostos metodológicos da Abordagem Comunicativa. Contemplaremos, também, as preciosas contribuições de Paulo Freire que definiram nos anos de 1970 a Pedagogia Crítico-reflexiva para educação que revolucionou os conceitos de aprendizagem em todo o mundo.

Destarte, essa pesquisa busca responder o seguinte questionamento: Como a Pedagogia dos Multiletramentos, em interface com a Abordagem Comunicativa podem facilitar o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, no ensino médio, em duas escolas públicas do município de Serrinha no estado da Bahia?

Como justificativa para essa pesquisa, trago histórias pessoais em primeira pessoa. Ao longo dos anos em minha vida, venho percebendo as dificuldades enfrentadas pelos professores no desenvolvimento do ensino e os obstáculos enfrentados pelos alunos no processo de aprendizagem de LI, no ensino médio das escolas públicas nos cenários com os quais tive contato. No meu período escolar essa temática já me interessava, eu achava estranho muitos alunos se queixarem sobre a disciplina de inglês, demonstrarem medo e desinteresse.

Os anos se passaram e esse pensamento foi deixado de lado, entretanto, tal reflexão a respeito do aprendizado de LI ressurgiu durante meu curso de Graduação

¹ Técnica de pensamento e comportamento que usa a intuição e a inconsciência para resolver problemas complexos.

em Letras e Literaturas da LI, na UNEB, Campus XIV, ao ser questionada sobre o tema que tinha interesse para pesquisar e escrever o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nesse cenário, de desinteresse e descaso pelo aprendizado da LI, cheguei à resolução de que não podia mais adiar e nem deixar de lado essa sede por entendimento e melhorias. Percebo, assim, a necessidade de construir essa pesquisa sobre o assunto, para entender as razões de tal situação com relação a LI e assim, propor alternativas que possam vir a ser mais significativas e coerentes para os dias de hoje e para os aprendizes do ensino médio na região sisaleira da Bahia.

Dessa forma, essa pesquisa propõe observar as formas de ensino dos professores e as metodologias utilizadas, bem como compreender as maneiras pelas quais podemos facilitar o aprendizado dos alunos. Segundo uma pesquisa feita para o *British Council* pelo Instituto de Pesquisa Data Popular, no Brasil, apenas cerca de 5,1% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês. Tal índice retrata o cenário em nosso país sobre o aprendizado de LI e nos motiva ainda mais a construir essa investigação.

Isto posto, proponho que a interface entre Multiletramentos e Abordagem Comunicativa nas aulas de LI pode contribuir para uma aprendizagem significativa e pluralista, objetivando reflexão crítica para resolução de problemas, uso de tecnologias e de material didático múltiplo. Acreditamos que com as interfaces aqui propostas, o professor de LI poderá transitar entre várias perspectivas, em diferentes modos de pensar sobre uma determinada ação pedagógica além de utilizar as tecnologias que estão hoje em dia no centro da atenção de nossos alunos. Nesse sentido o professor deixaria de seguir somente um método pré-determinado e tornaria as aulas mais atrativas e mais significativas para as novas gerações de aprendizes.

Dessa maneira, o objetivo principal dessa pesquisa é investigar como as interfaces aqui propostas entre a Pedagogia dos Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa podem facilitar o ensino/aprendizagem de LI no Ensino Médio, de duas escolas públicas estaduais do município de Serrinha no estado da Bahia.

Assim, para chegar nesse objetivo o trabalho tem como metas (A) revisar a literatura acadêmica relacionada aos conceitos de Multiletramentos, Abordagem Comunicativa e os impactos no ensino de línguas estrangeiras, com foco em estudos que abordem o Ensino Médio; (B) examinar o currículo de Língua Inglesa, do Ensino Médio, em relação a inclusão de atividades relacionadas aos Multiletramentos e

Abordagem Comunicativa, identificar lacunas e oportunidades de melhorias; (C) desenvolver estratégias pedagógicas que integrem os princípios dos Multiletramentos e Abordagem Comunicativa no ensino de LI, aplicadas a necessidade específicas do Ensino Médio; (D) gerar dados quantitativos e qualitativos - por meio de entrevistas, mini-narrativas e questionários - para avaliar o impacto das estratégias de ensino no desenvolvimento das habilidades de comunicação em inglês, na motivação dos alunos e seu engajamento com práticas Multiletradas.

No que se refere ao percurso metodológico, esse trabalho busca investigar como os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa são utilizadas nas aulas de Língua Inglesa, do Ensino Médio, de duas escolas públicas estaduais de Serrinha e como eles podem facilitar o aprendizado dessa língua estrangeira. O recorte metodológico será nas turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio.

A partir desse objetivo geral será feita uma pesquisa de campo. Que segundo Severino (2017, p. 94), trata-se da coleta dos dados feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Dessa forma, a análise metodológica em que o Trabalho de Conclusão de Curso será desenvolvido é de cunho quali-quantitativo. Segundo André (1995), a pesquisa qualitativa, se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa, defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Sobre a abordagem quantitativa, Severino (2017, p.89) afirma que

a ciência nasce, no início da era moderna, opondo-se à modalidade metafísica do conhecimento, fundada na pretensão do acesso racional à essência dos objetos reais e afirmando a limitação de nosso conhecimento à fenomenalidade do real. E esse conhecimento dos fenômenos, por sua vez, limitava-se à expressão de uma relação funcional de causa a efeito que só podia ser medida como uma função matemática. Por isso, toda lei científica revestia-se de uma formulação matemática, exprimindo uma relação quantitativa. Daí a característica original do método científico ser sua configuração experimental-matemática.

Logo, foram feitos estudos em livros, monografias e textos que abordem os Multiletramentos e Abordagem Comunicativa. Para essa pesquisa, observei algumas aulas de Língua Inglesa nas turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio e apliquei

questionário aberto com perguntas para os alunos, a fim de chegar nos objetivos finais, ou seja, entender as formas de ensino usada pelos professores de inglês nas escolas pesquisadas, refletir sobre as maneiras mais coerentes e eficazes para os estudantes aprenderem a LI, estimular os docentes das escolas parceiras dessa pesquisa e propor alternativas e estratégias para o aprendizado de LI.

2 INTERFACE DOS MULTILETRAMENTOS PARA A APRENDIZAGEM E O ENSINO DE LI

O termo Multiletramentos surgiu no ano de 1996, quando um grupo de dez educadores e pesquisadores de diferentes áreas da linguística, chamado *The New London Group*, tendo como tradução para o português Grupo de Nova Londres, discutiram sobre a grande variedade de experiências de vida e profissionais, a problemática do letramento, suas implicações educacionais face às mudanças determinadas pela globalização, tecnologias e diversidade sociocultural.

Assim, os pesquisadores do Grupo de Nova Londres escreveram um Manifesto chamado “*A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*”. A partir de então, decidiram que o termo Multiletramentos representaria o conjunto dos estudos e das reflexões que se referem às modificações relacionadas aos letramentos, necessárias durante o processo educacional em tempos de drásticas mudanças impostas pelo advento das tecnologias.

Deste modo, Multiletramentos, de acordo com os estudiosos, comporta dois argumentos importantes sobre a nova ordem global, institucional e educacional (Eluf 2010, p. 44). O primeiro argumento diz respeito aos múltiplos canais de comunicação existentes e o segundo sobre a crescente visibilidade da diversidade linguística e cultural. Sendo assim, o letramento e suas práticas tem sido muito influenciadas pelas mudanças que estão acontecendo ao longo dos anos, o avanço das tecnologias, as diferenças sociais e culturais. Naquele cenário, em meados da década de 90, o NLG iniciou suas discussões levantando características necessárias para que alguém possa ser considerado letrado e as pedagogias necessárias para que chegue onde deseja.

O grupo estabeleceu ideias que foram e são relevantes até nos dias atuais. O conceito de Multiletramentos leva em conta múltiplos modos de letramento e contexto, envolvendo tanto a definição de letramento, como as implicações das práticas letrada em variados contextos da vida social no século XXI (Cope; Kalantzis, 2000 apud Vieira 2019, p. 85).

De acordo com o *New London Group* (2006), o conceito remete à tecnologia, à expansão da multimídia (textos construídos usando diferentes mídias tais como jornal ou televisão) e aos textos multimodais, (materializados através da linguagem verbal e

não-verbal). Os estudiosos do NLG (1996), segundo Vieira (2019), consideravam que as práticas letradas e letramentos críticos são diretamente influenciados pela expansão social, cultural e pela diversidade linguística.

A partir da tradução do manifesto do Grupo de Nova Londres, “Uma Pedagogia do Multiletramentos: Projetando futuros sociais”, feita por Moraes, Grande, Blazotti e Grando (2021, p. 106), os Multiletramentos propõem um tipo diferente de pedagogia, em que a língua e os outros modos de significação são recursos representacionais dinâmicos, sendo constantemente refeitos por seus usuários, à medida que trabalham para alcançar seus vários objetivos culturais. Nos dias atuais percebemos aumento expressivo nas diferentes produções de significado, o textual está atrelado ao sonoro, visual, comportamental e assim por diante.

Os avanços tecnológicos, as novidades virtuais estão remodelando a maneira como usamos a linguagem e a forma de aprendizado. À vista disso, a luz da tradução do manifesto do NLG (2021, p. 107), ao abordar questões sobre a diversidade cultural e linguística, professores e alunos devem se ver como participantes ativos na mudança social, como aprendizes e alunos que podem ser criadores ativos de futuros sociais.

Os novos letramentos promovem oportunidades de conhecermos a nós mesmos, entendendo a maneira eficaz de aprendizagem para si próprio. Segundo Takaki e Santana (2014, p. 55 e 56) os novos letramentos são situados em contextos de mudanças e essa natureza faz a diferença no âmbito da aprendizagem. Segundo as propostas de Lankshear e Knobel (2007, 2013 apud Takaki; Santana 2014, p. 55 e 56), é exatamente a preocupação que acompanha os professores e educadores no sentido de criar espaços de aprendizagem inovadores. Essa ideia implica propiciar o desenvolvimento de capacidades contínuas de aprender em meio às tecnologias emergentes como as digitais.

Para as autoras Takaki e Santana (2014, p. 57), a noção de novos letramentos são aqueles que compreendem uma série de concepções sobre práticas sociais, culturais, linguísticas, multimodais (linguagem verbal, imagens, sons, gestos), análises críticas, habilidades e estratégias para lidar com a simultaneidade, complexidade, velocidade em sociedade de mudanças.

Muitos pesquisadores observaram a influência do pensamento de Paulo Freire no Manifesto Pedagogia dos Multiletramentos (NLG, 1996). A Pedagogia dos

Multiletramentos parte da pergunta “como podemos garantir que as diferenças de cultura, idioma e gênero, dentre outras, não sejam barreiras para o sucesso educacional?” (Coscarelli; Corrêa 2021, p. 21). Aqui no Brasil, antes de 1996, Paulo Freire já defendia uma educação emancipadora e transformadora, com base em sua distinção entre “educação bancária” e “educação problematizadora”. Transformar para emancipar e/ou emancipar para transformar, para dar condições a todos de exercer sua cidadania (Freire, 2014 [1968] apud Coscarelli; Corrêa 2021, p. 21).

Baltar e Bezerra (2014), verificam que o educador brasileiro é citado nos principais textos de Street (1984) e McLaren (1988). De acordo com eles

o diálogo desses autores com os textos seminais de Freire (1981; 1987), notadamente, chancela o que estamos afirmando sobre a influência decisiva do educador brasileiro para a construção dos pilares do arcabouço teórico-metodológico dos estudos do letramento no Brasil, no hemisfério norte, com suas reverberações na América Latina e na África (Baltar; Bezerra, 2014 apud Coscarelli; Corrêa 2021, p. 22).

Dentre inúmeras referências aos conceitos Freireanos, encontramos um recente ensaio no qual a pesquisadora Ribeiro (2020, p.9), aponta que

um dos principais argumentos do *New London Group* para a necessidade de suplementação da pedagogia de letramento anterior aos anos 1990 era o crescimento evidente da diversidade em nossas sociedades. Em especial, tratavam das diversidades culturais, subculturais, linguísticas e midiáticas [...] defendiam a criação de condições para aprendizagem e participação social de todos. Ao tratar da diversidade, citavam o educador e pesquisador brasileiro Paulo Freire.

Dessa maneira, através dessas citações, fica claro a importância do renomado Paulo Freire para a Pedagogia dos Multiletramentos, criada pelo Grupo de Nova Londres.

Para ser um indivíduo Multiletrado é importante que desenvolva sua consciência crítica e o professor pode ajudar nesse processo. Destarte, de acordo com Paulo Freire (1967) o assistencialismo é essencial, porém é necessário que os indivíduos sejam agentes da sua própria existência. O assistencialismo exacerbado faz de quem recebe a assistência um objeto passivo, incapaz de ser autor de sua própria recuperação. O que importa, realmente ao homem, é ajudar a ajudar-se, esse é o trabalho que um professor deve fazer. Paulo Freire (1967) também diz que uma educação, por ser educação deve ser corajosa, desse modo é correto afirmar que o

professor também deve ser corajoso, propondo aos seus alunos a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo e suas responsabilidades. A educação e o conhecimento são as práticas principais para a liberdade.

Ao considerar minha vivência como discente e docente em formação de LI, graduanda do 8º semestre, percebo nos últimos anos o uso dos Multiletramentos nas aulas de Língua Inglesa e sua real importância, com o mundo globalizado, as pessoas sentem a real necessidade do uso de tecnologias, do uso do celular a todo momento, isso já faz parte da vida de cada ser humano. Então é fundamental utilizar dessas tecnologias como um facilitador do aprendizado, levando para sala de aula, trabalhando conteúdos com músicas, vídeos, jogos, memes, trechos de filmes ou séries, fazendo uma aula dinâmica e interativa para os alunos, a fim de que se interessem mais pelo conteúdo apresentado pelo professor. Os Multiletramentos também estão em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois preparar o educando para a sociedade e a vida profissional, auxiliando na cidadania, promovendo a inclusão, alinham-se com as ideias propostas no documento BNCC.

3 A ABORDAGEM COMUNICATIVA COMO UM FACILITADOR PARA A AQUISIÇÃO DE LI

A Abordagem Comunicativa foi criada 25 anos antes dos Multiletramentos. Entretanto, antes de ser desenvolvida, existiam outros tipos de abordagens e métodos que eram utilizados para o ensino de línguas estrangeiras (LE). Dentre tais métodos criados para ensino de LEs, podemos citar o *Grammar Translation*, o *Direct Method*, *Audiolingual*, *Communicative Language Teaching*, *Task-Based*, *Total Physical Response*, entre outros.

No final dos anos de 1970, começou-se a reivindicar a contextualização no ensino de línguas, impulsionados pelos estudos de sociolinguística interacional² já apresentados por Dell Hymes no início daquela década. Foi nesse contexto que surgiu a Abordagem Comunicativa, que transformou a análise da língua, não mais como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos. Segundo Leffa (1988, s.p.):

Enquanto que no audiolingualismo o ensino da língua se concentrava no código, amplamente descrito durante os vários anos do estruturalismo, a nova abordagem enfatizava a semântica da língua, descrita fragmentariamente em alguns estudos esparsos. Daí que o primeiro desafio dos metodólogos foi elaborar um inventário das noções e funções que normalmente se expressam através da língua. O objetivo não era descrever a forma da língua, mas aquilo que se faz através da língua.

Os estudiosos que defenderam esta visão de linguagem foram o linguista funcional britânico Halliday, o sociolinguista americano Dell Hymes e o trabalho em filosofia de J. Austin. Haviana Europa a necessidade de ensinar aos adultos as principais línguas do Mercado Comum Europeu. É fato que esses três linguistas representaram novos paradigmas, naquela época, que são até hoje essenciais para os estudos linguísticos em geral. No entanto, no escopo desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), não seria possível o aprofundamento dessas tendências. Sendo assim, nos limitamos a apenas citar aquelas tendências que viriam a ser fundamentais para os estudos linguísticos das décadas seguintes. Naquele cenário em 1971, um grupo de especialistas começou a investigar a possibilidade de desenvolver cursos de

² A sociolinguística interacional analisa a gravação e reprodução de sons, Dell Hymes considera o contexto social e a interação entre os falantes como essencial para a competência comunicativa entre os mesmos.

línguas, nos quais as tarefas dos aprendizes fossem divididas em unidades. Em 1972, D. A. Wilkins propôs um programa funcional ou comunicativo para o ensino de línguas, que serviu de base para o desenvolvimento de programas comunicativos para o ensino de línguas. Sua contribuição foi uma análise dos significados comunicativos que um aluno de línguas precisa compreender e expressar, em vez de descrever o núcleo da língua através de conceitos tradicionais de gramática e vocabulário.

O objetivo dos professores que utilizam o Ensino Comunicativo é permitir que os alunos se comuniquem na língua estudada. Para fazer isso, os alunos precisam de conhecimento das formas, significados e funções linguísticas. No processo de ensino-aprendizagem a função principal da linguagem é a interação e a comunicação. Os diálogos utilizados, centram-se em funções comunicativas e normalmente não são memorizados. Procura-se uma pronúncia compreensível. A tradução pode ser usada por alunos e professores, caso necessário. A Abordagem Comunicativa no ensino de línguas parte de uma teoria da linguagem como comunicação. Nessa abordagem, uma pessoa que adquire competência comunicativa adquire conhecimento e habilidade para o uso da linguagem. Como técnica de ensinamento, o ensino comunicativo de línguas utiliza-se de atividades que envolvem os alunos em uma comunicação autêntica. Atividades de comunicação funcional nas quais a comunicação está envolvida e atividades de interação social, como sessões de conversação, discussão e diálogos. Os alunos têm a oportunidade de expressar a sua individualidade, fazendo com que partilhem regularmente as suas ideias e opiniões.

Os linguistas que se dedicaram a Abordagem Comunicativa na década de 1970, acreditavam que tal abordagem referia-se a um conjunto diversificado de princípios que refletem uma visão comunicativa da língua e da aprendizagem de línguas, utilizados para apoiar uma variedade de procedimentos em sala de aula. O ensino comunicativo passou por diversas fases diferentes quanto aos princípios e dimensões do processo de ensino/aprendizagem. A primeira fase foi a necessidade de desenvolver um plano de estudos que fosse compatível com a noção de competência comunicativa. Isto levou a propostas de programas em termos de noções (um contexto em que as pessoas comunicam) e funções (um propósito específico para um falante num determinado contexto).

A segunda fase, concentrou-se em procedimentos para identificar as necessidades dos alunos e isto resultou em propostas para tornar a análise de

necessidades um componente essencial da metodologia comunicativa. Na terceira fase, concentrou-se nos tipos de atividades em sala de aula que poderiam ser usadas como base de uma metodologia comunicativa, como trabalho em grupo, trabalho com tarefas e atividades com lacunas de informação. Dessa forma, as vantagens da Abordagem Comunicativa são incontáveis, essa técnica aumenta a relação professor-aluno. É um relacionamento interativo. Oferece a oportunidade para os alunos conhecerem suas habilidades e exibi-las. Assim, os alunos podem aprender a língua-alvo de uma forma divertida.

Além disso Leffa (1988, s.p.), aponta que:

A Abordagem Comunicativa defende a aprendizagem centrada no aluno não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula. O professor deixa de exercer seu papel de autoridade, de distribuidor de conhecimentos, para assumir o papel de orientador. O aspecto afetivo é visto como uma variável importante e o professor deve mostrar sensibilidade aos interesses dos alunos, encorajando a participação e acatando sugestões. Técnicas de trabalho em grupo são adotadas.

Os autores Schlindwein e Boa Sorte (2011, p.62), ao citar Nicholls (2001), mencionam as principais características que dão base a essa abordagem:

A meta a ser alcançada é a competência comunicativa e estratégica, ou seja, o foco passa a ser no sentido da comunicação, que é determinada não só pelas formas linguísticas como também pelo contexto social, pelo conhecimento prévio e partilhado entre os interlocutores; a língua é mais autêntica e significativa, refletindo uma realidade possível para o aluno. A comunicação tem sempre um propósito ou intenção. Abandonam-se os diálogos artificialmente montados e fora do contexto; a memorização de diálogos dá lugar à assimilação da informação com base no que o aluno já sabe; com relação à fonética, não há mais uma preocupação excessiva pela pronúncia exata das palavras. Adota-se um enfoque que parte de problemas ao nível do discurso oral para saná-los no nível inferior, das unidades fonológicas discretas; a língua materna pode ser utilizada para explicar as atividades, verificar a compreensão, desde que traga benefícios para o aluno e não extrapole o tempo do bom senso de exposição à língua alvo; as atividades são, de preferência, executadas em pequenos grupos, pares ou trios, de modo a maximizar o tempo destinado a cada aluno para aprender a negociar o sentido.

Segundo Almeida Filho (1993), um método inclui diferentes técnicas, definidas como procedimentos “que preenchem as atividades ou unidades” que formam a aula. A Abordagem Comunicativa não tem preocupação com a repetição, tradução, estruturas gramaticais e advoga a favor de uma maior flexibilidade na forma de ensino

e aprendizagem por parte dos professores e alunos. O professor que utiliza a Abordagem Comunicativa analisa o meio social e cultural onde o aluno está inserido, para buscar estratégias de ensino que facilitem a aprendizagem do mesmo.

Ao decorrer dos anos, podemos observar as dificuldades enfrentadas pelos professores com o ensino da LI e o desinteresse sobre aprender LI por parte dos alunos. A falta de investimento nas escolas, a falta de investimentos de formação continuada para professores, a precariedade das instalações escolares, assim como a falta de acesso às tecnologias digitais, são fatores que atrasam esse caminho para o bom aprendizado da LI nas salas de aula de inúmeras escolas públicas brasileiras. Entretanto, o professor crítico-reflexivo, seguindo os conceitos Freireanos necessita ter um olhar cuidadoso para compreender a necessidade de cada turma, o meio social em que vivem, as diferentes culturas existentes ali, a fim de selecionar as mais coerentes abordagens e metodologias, além dos diferentes meios tecnológicos que facilitam a aquisição da língua e aumentam a qualidade das aulas.

A metodologia empregada faz a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem. O ideal é que o professor não fique restrito a apenas um método de ensino, mas observe o seu contexto e as condições de ensino-aprendizagem existentes para que o seu trabalho seja significativo e coerente com os dias atuais. As escolas devem levar em consideração os interesses dos alunos, a co-construção do conhecimento é fundamental para facilitar a interação e o aprendizado dos mesmos. Trazer o que é de interesse dos alunos para a sala de aula resulta em maior engajamento e motivação.

Em suma, é fundamental que o professor se mantenha atualizado a respeito das tecnologias e novas metodologias que vão surgindo no decorrer da vida, visto que, conforme Castells (1999), atualmente não há sequer um único país ou comunidade que não seja afetado direta ou indiretamente pelas crescentes mudanças impostas pelas novas tecnologias. Para o autor, se uma comunidade estiver fora do movimento global, ela estará, conseqüentemente, excluída da sociedade (Eluf 2010, p. 48).

Outro ponto fundamental é que o professor seja um ser crítico e motive os alunos a pensar e agir de modo crítico e reflexivo com relação ao seu contexto. Conforme Takaki e Santana (2014, p.59), a Professora Doutora Monte Mór (2013), relaciona dois tipos de 'críticas', o *criticism* e *critique*:

O *criticism* parte da premissa de que para se engajar criticamente, alguém de maior bagagem intelectual como críticos literários ou especialistas renomados sejam necessários. No caso da escola, o professor seria uma fonte de crítica “elevada” para os assuntos pedagógicos. Já o termo *critique* revela um posicionamento ideológico que se volta para questões sociais, permitindo a subjetividade, não restrita a um pensamento único e acabado, mas dinâmico, aberto às reconstruções.

Segundo o livro de Diógenes Cândido de Lima “Inglês em escolas públicas não funciona”, Moita Lopes (1996, p.102) afirma que:

O papel do professor, enquanto representante do poder desse capital ausente [capital simbólico entre as classes sociais (cf. Bourdieu, 1974)], e sua consequente atitude em relação aos alunos são de extrema importância. A ideologia da falta de aptidão para aprender a Língua Estrangeira na escola pública como também as visões de déficit linguístico e cultural podem ser vistas como sendo responsáveis pelo que Rosenthal e Jakobson (1973) chamaram de “profecia autorrealizadora”: a introjeção por parte dos alunos da percepção que a escola tem deles pode determinar a qualidade de seu rendimento escolar.

Nesta interface aqui proposta (Multiletramentos e Abordagem Comunicativa) atingimos nossos objetivos ao comparar as duas vertentes metodológicas e perceber que em ambas o aluno é o centro da ação pedagógica, o professor tem mais tolerância nas posições, a autonomia do aluno é incentivada, o professor instiga o aluno a ser crítico, a interação entre os alunos é utilizada como um facilitador da aprendizagem, as atividades são baseadas na realidade e no meio social em que os alunos estão inseridos, os erros são tolerados e entendidos como forma natural do desenvolvimento de novas habilidades.

Após considerações a respeito da Abordagem Comunicativa e da Pedagogia dos Multiletramentos, coloca-se frente a nós a necessidade do estabelecimento de diferentes vertentes metodológicas e diferentes técnicas de ensino, de interfaces técnico-pedagógicas para as aulas de inglês na comunidade escolar. Revisitamos duas correntes pedagógicas consideravelmente relevantes nesse momento da atualidade, a comunicação mais natural e os letramentos múltiplos existentes em nossa realidade. Acreditamos que interfaces alternativas aos "métodos tradicionais" podem representar um aprendizado mais coerente com o momento atual em que vivemos. Acreditamos também que essa pesquisa pode servir como uma proposta de uma dessas interfaces necessárias para as aulas de LI de nossas escolas públicas na

Bahia, em particular as escolas parceiras dessa pesquisa, no município de Serrinha no estado da Bahia.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O recorte metodológico no início do planejamento desse trabalho seria nas turmas do 2º e 3º ano do Ensino Médio (EM), de uma escola no município de Retirolândia, que é a cidade na qual eu residia até o ano de 2023. Entretanto, no ano de 2024 eu me mudei para a cidade de Serrinha e o trajeto da pesquisa foi mudado, passando a ser feita a coleta dos dados na cidade de Serrinha.

As coletas do Corpus foram iniciadas no mês de outubro de 2024 e seria feita a coleta apenas em uma escola. Todavia, houve um impasse, com a implantação do novo EM. Os primeiros e segundos anos do ensino técnico e os terceiros anos tanto do ensino técnico, quanto do integral passaram a não ter mais aulas de inglês, o que fez com que fosse impossível fazer uma coleta de dados nessas turmas. Nesse sentido, os alunos não teriam como responder as perguntas, pois não era mais uma realidade que eles estavam vivendo. As únicas turmas que tinham inglês eram os primeiros e segundos anos do ensino integral, que eram turmas pequenas. Sendo assim, a quantidade de alunos para a coleta era baixa, o que se fez necessário fazer a pesquisa em duas escolas. O novo Ensino Médio sugere que os alunos não tenham contato e nem preparo com a Língua Inglesa (LI). Tal fato deixa os alunos com uma deficiência grande na língua, dificultando suas vidas no mercado de trabalho, nos concursos e vestibulares futuros.

Na primeira escola, na qual pretendíamos fazer a coleta quando houve a mudança para a cidade de Serrinha, só era possível fazer no horário da manhã, pois a maioria dos alunos moravam na zona rural do município e dependiam do ônibus para ir e voltar do colégio. Entretanto, o colégio é estadual, ou seja, segue o calendário e as regras impostas pelo estado e os ônibus são ofertados pelo município, seguindo as regras e o calendário imposto pelo município. Dessa maneira, os ônibus só circulavam até os povoados e fazendas pela manhã. Sabemos que o novo EM propõe aulas integrais, nos dois turnos (matutino e vespertino), ou seja, aulas durante o dia inteiro. Nesse caso, os alunos da zona rural perdiam todas as aulas que eram no turno vespertino, causando uma evasão grande nesse turno. Portanto, as turmas deste período não chegavam a ter nem dez alunos presentes. Essa situação deixava os professores impossibilitados de cumprir seu planejamento de forma adequada e me

impossibilitou também de cumprir o meu planejamento anterior, que era fazer toda a coleta necessária em apenas uma escola.

Dessa forma, o percurso metodológico foi mudado, me causando medo, angústia e insegurança, pois deveria procurar uma outra escola para continuar a pesquisa, pedir autorização da direção, falar com novos alunos e ver se seria bem recebida por eles. Sendo assim, a coleta passou a ser feita nas turmas do 1° e 2° ano do Ensino Médio. Nessa fase da pesquisa a coleta aconteceu de modo tranquilo, os alunos, a direção e os professores foram receptivos. Toda a coleta foi feita da melhor maneira possível. No entanto, durante a coleta, mesmo tendo que enfrentar as mudanças de turmas e a quantidade de escola a ser feita a pesquisa, desde o início o trabalho tinha o mesmo objetivo geral, que é investigar de que forma os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa são utilizadas nas aulas de Língua Inglesa, do 1° e 2° ano do Ensino Médio, de duas escolas públicas estaduais do município de Serrinha, no estado da Bahia. Nossa intenção sempre foi analisar de que forma a interface entre os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa, interface proposta nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pode facilitar o aprendizado dessa Língua Estrangeira (LE), no caso a LI.

A partir desse objetivo geral foi feita uma pesquisa de campo. Tal tipo de pesquisa, segundo Severino (2017, p. 94), trata-se da coleta dos dados feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Lakatos e Marconi (2003), diz que a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Assim sendo, ela consiste nas observações dos fatos e na coleta de dados, para assim analisá-los.

Gil (2002, s.p.) traz uma outra visão acerca da pesquisa de campo:

A pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também

se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado.

Dessa forma, a análise metodológica em que o TCC foi desenvolvido é de cunho qualiquantitativo. Segundo André (1995), a pesquisa qualitativa, se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa, defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Também através das palavras de André (1995), a pesquisa qualitativa e quantitativa se perpassa, mesmo tendo significado e formas de análises distintas, pois segundo ela pode-se fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que se faz desses dados estarão sempre presentes o quadro de referência, os valores e, portanto, a dimensão qualitativa.

Outrossim, Lakatos e Marconi (2003), declaram essa consonância entre o quantitativo e o qualitativo, quando uma mudança qualitativa acontece, a mudança quantitativa aconteceu junto. As autoras dizem que a mudança qualitativa seria a passagem de uma qualidade ou de um estado para outro. A mudança qualitativa não é obra do acaso, pois decorre necessariamente da mudança quantitativa.

Sobre a abordagem quantitativa, Severino (2017, p.89) afirma que

a ciência nasce, no início da era moderna, opondo-se à modalidade metafísica do conhecimento, fundada na pretensão do acesso racional à essência dos objetos reais e afirmando a limitação de nosso conhecimento à fenomenalidade do real. E esse conhecimento dos fenômenos, por sua vez, limitava-se à expressão de uma relação funcional de causa a efeito que só podia ser medida como uma função matemática. Por isso, toda lei científica revestia-se de uma formulação matemática, exprimindo uma relação quantitativa. Daí a característica original do método científico ser sua configuração experimental-matemática.

Logo, foram feitos estudos em livros, monografias e textos que abordem os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa. Para essa pesquisa, observei algumas aulas de Língua Inglesa nas turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio. Durante essas aulas, foram observadas o interesse dos alunos pelo conteúdo, a interação, a relação aluno-professor, como a aula era conduzida, quais metodologias eram utilizadas, se os alunos se comunicavam na Língua Inglesa e entre outros fatores. Dessa maneira, foi constatado que os alunos gostavam da professora, entretanto não

tinham muito interesse pela disciplina de inglês. Assim sendo, chegamos à conclusão que a melhor maneira para fazer essa pesquisa ou coleta de dados seria através de conversas com os alunos.

Desse modo, o instrumento utilizado para a pesquisa foi um questionário aberto, com perguntas para os alunos. Gravamos as respostas pelo celular, a fim de proceder com a análise dos dados posteriormente. As perguntas eram simples, eles responderiam livremente, um de cada vez, com respostas sinceras e sempre em particular, para uma resposta não interferir em outra resposta de outro aluno. Entretanto, muitos deles ficavam inseguros de participar, assim sempre era necessário acalmá-los antes de iniciar a coleta e lhes dizer que não existia resposta certa ou errada, eles deveriam responder com liberdade e sinceridade. Ao ouvir essa fala, eles sempre se acalmavam e eram escutados com calma e paciência, deixando falar livremente e apoiando suas falas com acenos, tornando cada um deles mais confiantes em suas respostas.

As perguntas eram se eles gostavam de estudar inglês, se achavam importante ter essa disciplina na escola, o que deixaria essa disciplina e as aulas de LI mais atrativas, se eles sentem dificuldades nas aulas e avaliações. Também questionamos se os professores utilizam tecnologias e como se dá a relação entre professores e alunos, no sentido de saber quais sentimentos as aulas de LI trazem para eles. À medida que iam respondendo, ia sendo instigado cada vez mais com outras perguntas que tornavam as respostas mais bem elaboradas por eles mesmos.

Todo esse processo foi necessário para chegar no objetivo final, que é entender as formas de ensino usadas pelos professores de inglês nas escolas pesquisadas, como os discentes se comportam mediante a essas metodologias e como os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa podem facilitar o aprendizado de LI para os mesmos. Também esperávamos refletir sobre as maneiras mais coerentes com a realidade dos alunos e eficientes no sentido de um conhecimento Multiletrado e comunicativo para os estudantes aprenderem a LI, bem como propor alternativas e estratégias para o aprendizado de LI.

Assim sendo, para além das gravações no celular, as perguntas que foram feitas para os estudantes e as anotações feitas durante as observações das aulas foram no caderno. Assim, utilizei a metodologia híbrida, difundida por Lankshear e Knobel (2013) como *Let's see* e *Try on*, como alternativa metodológica para trabalhar

com os Multiletramentos. O *Let's see* é uma forma de levantamento e análise de dados, através de tecnologias, como é o caso das gravações no celular. Essa forma metodológica visa observar o que os estudantes tem a dizer, incentivando assim o pensamento crítico e instigando o conhecimento de mundo que eles carregam. Em contrapartida, o *Try on* é um mix de possibilidades metodológicas, que podem ser atuais, modernas, tecnológicas ou tradicionais, como questionários escritos e anotações no caderno.

O avanço tecnológico e a explosão das mídias sociais deixam ainda mais relevante as novas técnicas e formas metodológicas, o conhecimento midiático e a rapidez na qual a internet opera, mudou a forma de viver dos indivíduos, deixando todos mais ociosos e querendo resolver tudo de forma rápida e prática. Assim, é fundamental acompanharmos as mudanças tecnológicas e passar a mesclar as formas tradicionais de ensino e pesquisa, com novas formas, trazidas pelo mundo globalizado. Sobre a pesquisa "*Let's see*" Lankshear e Knobel (2013, s.p.), declara que:

É realizada em grande parte por si só, com o objetivo principal de entender em profundidade uma "nova" prática social e os letramentos associados ou mobilizadas dentro dessa prática. Uma orientação "*Let's see*" encoraja os pesquisadores a chegarem o mais perto possível de visualizar uma nova prática a partir das perspectivas e sensibilidades de "*insiders*". A existência de diferenças marcantes em mentalidades com relação a práticas sociais envolvendo novas tecnologias estabelece o valor de atender a como os "*insiders*" se envolvem com novos letramentos (tradução nossa).

Lankshear e Knobel (2013, s.p.) também apontam que a pesquisa "*Try on*" em sua tradução:

Incentiva a experimentação com conceitos, teoria e metodologia, incluindo "*mash ups*" inovadores de teorias e métodos, juntamente com o desenvolvimento de novas técnicas e modificações de técnicas existentes para coleta e análise de dados para explorar e entender práticas de alfabetização emergentes e em mudança.

Portanto, seguindo a metodologia "*Try on*" foi decidido também utilizar as ferramentas da Linguística de *Corpus* (LC) para a análise dos dados coletados durante as entrevistas com os alunos. Segundo Sardinha (2004), a Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. O sentido original da palavra *Corpus* é corpo,

conjunto de documentos. Ainda, segundo o pesquisador Sardinha (2000), em consonância com Sinclair (1991), entendemos que, [*Corpus* é] um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística.

Através do livro organizado por Dutra e Mello, “Anais do X Encontro de Linguística de *Corpus*: aspectos metodológicos dos estudos de corpora”, Tagnin e Alves (2012), afirmam que o volume de informações produzido pela humanidade cresce a um ritmo cada vez mais acelerado. Nesse contexto de produção cada vez maior de volumes de dados, é possível identificar, nas diferentes áreas do conhecimento, a preocupação com a recuperação de informações. Sendo assim, a LC utilizada de forma correta, colabora na recuperação e análise das informações, principalmente nas áreas de ensino, tradução, terminologia, descrição da linguagem e no processamento da linguagem natural.

Em outras palavras Rajagopalan (2005), no livro organizado por Gerber e Vasilévski, “Um Percurso para Pesquisas com Base em *Corpus*”, diz que a Linguística de *Corpus* remonta e recupera práticas consagradas há séculos, que hoje voltam com toda a carga, para desafiar ortodoxias hegemônicas que se encontram enraizadas no campo da Linguística, a partir de sua consolidação como disciplina independente.

Após o *Corpus* coletado e feita a transcrição dos áudios dos alunos, serão organizados e utilizados os recursos da Linguística de *Corpus*, a partir das falas pessoais ditas por cada aluno entrevistado, para serem analisadas e chegar no objetivo final, que é observar como os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa podem facilitar o aprendizado de Língua Inglesa. Para facilitar essas análises serão usados os recursos gratuitos e online de Corpora, que é o *Voyant Tools*, ferramenta de análise de texto, que permite a análise e interpretação, tanto online, quanto enviados pelos usuários.

Sendo assim, me inspirei na análise de conteúdo de Bardin (1977), que nos dá a liberdade de criar categorias de acordo com o que o material nos oferece. A análise de conteúdo se divide em três polos: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material; 3) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Segundo Bardin (1977), a pré-análise é a fase de organização. Corresponde a um período de intuições, que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Essa fase está ligada a coleta de *Corpus*, feita para ser analisada

posteriormente. Possuindo três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Seguindo as ideias de Bardin (1977), a exploração do material é quando as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. É o momento no qual será analisado e categorizado o *Corpus* coletado. E o tratamento dos resultados é quando determinamos o que cada material significa e a utilização de outros autores para embasar esses resultados e as teorias encontradas através dessas coletas.

Nesse caso podem ser usadas operações estatísticas, como porcentagens ou mais complexas, como figuras, modelos e tabelas, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (Bardin, 1977).

Em conclusão, com o uso do *Voyant Tools* e a minha análise pessoal, teremos no capítulo a seguir a análise da máquina e a análise e interpretação humana dos dados coletados, bem como reflexões e propostas de melhorias que os próprios alunos relatam. Embora tenham tido mudanças, obstáculos e angústias, espero que essa fase da pesquisa possa comprovar os objetivos da mesma.

5 ANÁLISE DE DADOS

Nesse capítulo será feita a análise dos dados coletados com os alunos do 1° e 2° ano do Ensino Médio de duas escolas Estaduais no município de Serrinha, no estado da Bahia. O objetivo desta pesquisa é investigar e analisar de que forma os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa são utilizadas nas aulas de Língua Inglesa (LI) dessas duas turmas e como essa interface pode facilitar o aprendizado dessa Língua Estrangeira (LE). Nessa coleta foram feitas seis perguntas gerais para entender as vivências dos estudantes na sala de aula.

As perguntas foram:

- 1- É importante estudar inglês na escola? Porque?
- 2- Você gosta de estudar inglês? Porque?
- 3- O que pode ajudar no aprendizado de inglês, o que vai deixá-lo mais atrativo?
- 4- Você sente dificuldade na disciplina de inglês?
- 5- Os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa são utilizados na sala de aula? (Explicava antes o que é Abordagem Comunicativa e Multiletramentos).
- 6- Quais sentimentos a aula de inglês te trás?

Com essas perguntas esperava-se que pudessemos entender as dificuldades enfrentadas pelos alunos, para ter possibilidade de mostrar nesse trabalho como os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa auxiliaria a aprendizagem nas aulas de LI e como deixaria essa língua mais atrativa para os alunos, tendo em vista que as aulas de inglês têm apenas 50 minutos de duração e é apenas uma vez na semana. Pouco tempo para fazer algo mais elaborado e dinâmico.

A coleta foi feita de forma aleatória, enquanto fazia uma observação da disciplina de Estágio em uma escola Estadual de Serrinha. Dessa forma, sempre que tinha um tempo entre uma aula e outra, eu falava com os alunos, começava a conversar, perguntava de qual turma ele era e se fosse do 1° ou 2° ano, pedia para fazer uma coleta de algumas perguntas para o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), na maioria das vezes eles ficavam com receio, mas quando eu explicava que não existia resposta certa ou errada, que era para eles responderem de forma sincera, eles topavam. A coleta foi feita através do gravador do celular, em momento nenhum

o nome do aluno era citado, sempre me referia a ele como aluno 1, 2, 3 e assim por diante, os áudios eram salvos com essa mesma referência, preservando sempre a identidade do aluno.

Como citado no capítulo anterior, quando a coleta começou a ser feita, percebi que a quantidade de alunos que tinham na primeira escola, no 1º e 2º ano eram poucos e por conta do novo Ensino Médio muitas pessoas faltavam e assim a quantidade de alunos nas aulas ficava menor ainda, dificultando o processo das coletas. Assim, fez-se necessário finalizar a coleta em outra escola. Na primeira escola, cheguei a assistir várias aulas de inglês, pois estava fazendo as observações de Estágio. Entretanto, na segunda escola não foi possível assistir nenhuma aula, fiz apenas as coletas, com a permissão da professora das turmas e da direção.

Foi notório em ambas as escolas que os alunos gostavam da professora de LI, tinham uma relação tranquila e saudável. A interação entre professores e alunos eram boas, a maioria deles tinham uma relação de amizade e de respeito pela professora. Outro fato que me chamou atenção, foi que enquanto na primeira escola as turmas eram pequenas a ponto de não ter alunos suficiente para finalizar minha coleta, na segunda escola as turmas eram superlotadas, a ponto de ser sufocante manter a porta fechada, turmas com aproximadamente 40 alunos, assim não cheguei a fazer a coleta com a turma completa.

Os estudantes da segunda escola gostaram de responder as perguntas, ficavam incentivando os outros colegas a irem responder também, com a intenção de me ajudar a conseguir a quantidade de estudantes mais rápido. Foi um processo cansativo, pois fiz a coleta com 50 alunos no total, mas bem prazeroso e divertido em ver o empenho deles em me ajudar a conseguir finalizar essa missão do TCC. As professoras e direção também foram bem receptivas e fizeram de tudo para eu me sentir familiarizada nos dias em que precisei estar lá fazendo o levantamento dos dados, todos incentivavam os alunos a responderem.

O processo de transcrição dos áudios para iniciar a análise também foi trabalhoso e cansativo. Coletei muitos áudios e nesse processo foi necessário ouvir de um por um e ir digitando as falas dos alunos. Após a digitalização desses áudios, precisei separar as respostas por pergunta, sendo que fui fazendo as perguntas de forma aleatória para os estudantes. Foram dias cansativos, mas que valeram a pena.

A seguir está a análise feita com o meu olhar pessoal e com a ajuda de uma ferramenta da Linguística de *Corpus* (doravante LC), chamada *Voyant Tools*, que é uma ferramenta online, gratuita e de código aberto projetada para análise de textos digitais, mostra a frequências das palavras através de nuvens de palavras, gráficos de tendências e análises de distribuição de termos, facilitando assim a compreensão dos dados textuais. Essa ferramenta da LC contribui para análise além dos olhos humanos, novas percepções não vistas no momento da coleta ou enquanto os áudios eram transcritos. Entretanto, terão coisas que só foram e serão percebidas pelo meu olhar humano, como os sentimentos, nervosismo, medo que os alunos deixavam perceptíveis enquanto falavam.

Quando as perguntas eram feitas, eu sempre instigava o porquê daquela resposta, para não ficar apenas no “sim” ou “não”, alguns estudantes se abriam mais, outros falavam mais de forma simples, sem se abrir muito. Demostravam timidez, falavam dos recursos da escola, da forma que a disciplina era trabalhada e eu, em muitos momentos me peguei relembando os meus tempos de escola e muitos fatores se repetem anos após anos na educação, como não ter recursos o suficiente, salas com ventiladores com defeito, sem televisão, sem estrutura o suficiente e tudo isso afeta no aprendizado da língua.

Deixarei claro aqui, que nas respostas dos alunos poderão ter alguns erros ortográficos, pois transcrevi exatamente da forma que eles falaram e na linguagem falada sempre tem muitos vícios de linguagem. Colocarei também em alguns momentos, falas ditas por mim para ajudar que eles completassem o raciocínio. Minhas falas estarão em *itálico*.

A primeira pergunta feita foi: “É importante estudar inglês na escola?”. A maioria das respostas foi sim e a justificativa maior era por questões de emprego ou morar fora do país.

ALUNO 1: “Sim. Porque eu acho que é um fundamento a mais para quando a gente for ter um emprego lá no futuro. É uma oportunidade pra gente. E também poder viajar para outros países que falam uma língua diferente”.

ALUNO 2: “Sim, com certeza. É para você aprender inglês em outros países e quando quiser ir para outros lugares também, para o trabalho essas coisas”.

ALUNO 3: “Sim. Eu não sei explicar, mas eu acho importante porque... acho que a gente vai... ajudar em muita coisa, entendeu? Porque vai ajudar assim mais pra frente... Para trabalho...”.

ALUNO 4: “É importante porque mais na frente a gente pode querer viajar, fazer uma faculdade de inglês, essas coisas”.

ALUNO 5: “Sim, porque é importante para a comunicação em lugares estrangeiros e para facilitar quando a gente for fazer algum intercâmbio ou se interessar pela língua”.

ALUNO 6: “Sim, eu acho fundamental estudar inglês na escola, pois temos com base também não apenas o aprendizado em português, mas também é essencial estudar inglês. Porque é fundamental, no caso. Já pode, por exemplo, eu vou querer fazer uma viagem internacional, eu preciso saber o básico, não apenas para isso também. Mas se eu for trabalhar no futuro, por exemplo, atender alguém, eu quero ser psicóloga, vai que eu atenda alguém em outro país? Precisa, é essencial mesmo”.

ALUNO 7: “Tem muita gente que viaja, precisa do inglês, trabalha...Hoje em dia precisa, né? Tudo um pouco, né? Tudo precisa aprender, de tudo um pouco”.

ALUNO 8: “Acho. Porque é aprendizado, ensina muito. Questão de trabalho, futuramente”.

ALUNO 9: “Sim. É, agora que... não sei. Eu acho importante, assim, a gente aprender outros idiomas também. É, é isso, mas por uma questão de trabalho também”.

ALUNO 10: “Acho. Eu acho também que é uma forma de a gente desenvolver uma língua e caso precisar um dia também. Precisar em termos de emprego, de sair para fora do país”.

ALUNO 11: “Sim. Se caso sim, a gente precisar, sabe, viajar para outros lugares e saber mais do idioma em inglês”.

ALUNO 12: “Sim. Por conta que você pode arranjar um trabalho e nisso pode aparecer uma pessoa que pode falar em outra língua, aí nisso pode ajudar. Porque é trabalho”.

Falas sobre o inglês da escola não servir tanto, mas que já aprende alguma coisa, que facilita entender um pouco, sobre o tempo das aulas e a quantidade de aulas de inglês também foras ouvidas.

ALUNO 13: “Acho. É porque o inglês é uma linguagem mundial, como a professora falou na sala. E a gente até, às vezes, para se comunicar, talvez o inglês que a gente aprende na escola não é aquele inglês para a gente já sair falando daqui inglês, mas dá para a gente entender, se comunicar um pouco. E tanto assim, para assistir um filme ou uma série, a gente entende alguma coisa. A música, a gente entende pelo menos uma palavra. O jogo, então acho que é importante para a gente. Acho que na escola a gente não aprende mais... Eu não sei, de verdade. Eu não sei se porque o tempo é curto. Pode ser, e as aulas são poucas, a gente tem mais matérias e talvez o inglês não seja a matéria que a gente tenha mais aula. Talvez se tivesse a gente aprenderia melhor, né?”.

Outros reconhecem o inglês como língua franca e se precisasse conversar com pessoas de outros países seria importante saber.

ALUNO 14: “Acho. O inglês é uma língua que todo mundo tem que aprender. É uma língua global”.

ALUNO 15: “Sim, eu acho que sim. Porque a gente pode precisar conversar com alguém de outro... que fala inglês. De outro país”.

ALUNO 16: “Acho. Ah, o inglês é a língua mais utilizada popularmente, né? Então, digamos que para muitos cursos também, por exemplo, para trabalho, esse tipo de coisa, o inglês é útil”.

ALUNO 17: “Eu acho muito importante porque dá uma diversidade linguística na escola e todos os alunos aprendem mais. E também isso é bom para o futuro, porque o inglês eu acho que é uma língua, acho não, é uma língua universal e também é uma língua que, se você for para outro país e você souber falar, é ótimo para se comunicar”.

Alguns relataram que conhecimento nunca é demais, é importante saber um pouco de cada coisa e hoje em dia precisa de tudo com o aumento da tecnologia.

ALUNO 18: “Acho importante, sim. É porquê... O importante é... O conhecimento sempre é bom, né? Para todos nós. Então, sempre vai ser importante, sim”.

ALUNO 19: “Sim. Ela é fundamental para o nosso desenvolvimento. Tipo assim, com tudo, né? Tudo depende dele, tem que ter uma base”.

ALUNO 20: “Acho. Porque não só o português a gente tem que saber, a gente tem que aprender outras línguas também, para a gente se aprofundar mais, que nem eu falei, não só ficar ali no português, se aprofundar mais em outras áreas”.

Outros diziam que para o seu dia a dia agora não servia, só futuramente, talvez, ou se fosse viajar para fora, se fosse ficar no Brasil não servia.

ALUNO 21: “É, é pra quem quer viajar pra estrangeiro, né? Mas pro dia a dia não, acho que só pra você trabalhar, viajar, coisa do tipo”.

ALUNO 22: “Acho. justamente por ser a língua universal. Aí, tipo, você vai, por exemplo, para outro país que não é necessariamente os Estados Unidos, mas se você falar inglês, tem mais chance de as pessoas entenderem. No meu dia-a-dia normalmente não. Bem na rede social às vezes, mas não tão normalmente”.

ALUNO 23: “Não é não. Porque eu não vou sair para fora do Brasil”.

Outros diziam que era importante saber pelo o menos o básico.

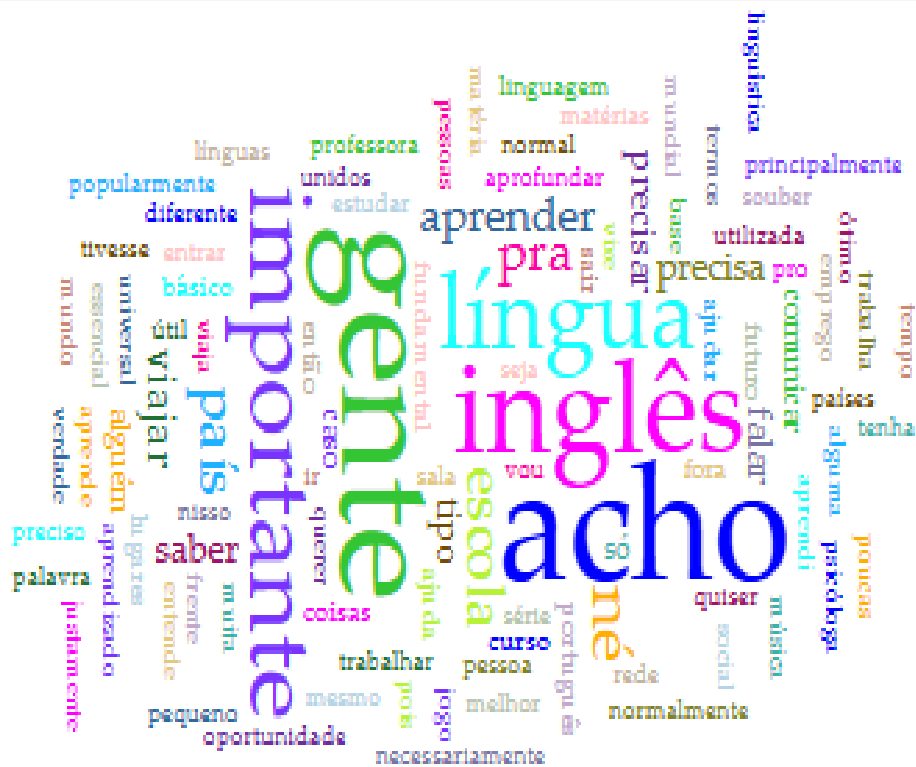
ALUNO 24: “Não. Brincadeira, acho. Eu acho, porque... É porque assim, a maioria das coisas que eu aprendi de inglês, o básico, foi na escola. E eu acho muito importante pelo menos saber o básico, sabe? Pra depois, se você quiser entrar em um curso e tal, porque também é muito importante entrar. Mas a escola, assim, no começo ajuda bastante. Principalmente quando você tem desde pequeno”.

E alguns ficavam embaraçados, sem saber o que responder ou achavam que não servia para trabalho, só para cursos.

ALUNO 25: “Sim, É importante. Vixe, meu Deus do céu. Ajuda, acho que quando a pessoa vai fazer um curso de inglês, ajuda lá fora. Acho que trabalho não, mas acho que mais para curso, alguma coisa assim”.

Alguns reproduziam o que já ouviram alguém falando, que é importante saber de tudo um pouco, que o mundo é extenso, você pode precisar no futuro, para trabalho, nunca se sabe o que vai acontecer, se vai precisar trabalhar fora. Não deixa de ser verdade isso, mas a maioria deles não lembram ou acham que a LI está inclusa em nosso dia a dia, em palavra que viraram neologismos, nas redes sociais ou até em jogos, já que muitos adolescentes gostam desse mundo de *games*. Algumas frases se perpetuam de geração a geração, é cultural acharem que o inglês só é necessário se caso haja necessidade de sair do Brasil ou se for para trabalho.

Ao inserir o texto no *Voyant* pude ver as seguintes imagens:



Palavras mais frequentes no corpus:

- **acho** (26); **gente** (25); **inglês** (19); **importante** (14); **língua** (13); **né** (7); **pra** (6); **país** (6); **escola** (6); **viajar** (5); **aprender** (5); **tipo** (4); **saber** (4); **precisar** (4); **precisa** (4); **falar** (4); **só** (3); **sair** (3); **português** (3); **lugares** (3); **futuro** (3); **fundamental** (3); **fora** (3); **então** (3); **curso** (3); **comunicar** (3); **coisas** (3); **caso** (3); **básico** (3); **alguém** (3)

O *Voyant* mostrou as palavras mais usadas nas respostas dessa primeira pergunta, podemos perceber que as palavras como “acho, gente, inglês, importante e língua”, ficaram mais em destaque. A palavra “acho”, aparece mais, pois eles sempre falam “eu acho”, antes de iniciar a justificativa, “gente”, é sempre usada para falar “a gente”, “inglês” e “língua”, é dita, pois é a língua em destaque que estamos falando no momento e “importante”, porque a maioria disse que era sim importante estudar inglês.

A segunda pergunta foi: “Você gosta de estudar inglês? Porque?”.

Alguns respondem que sim, pois gostam dos assuntos, citam novamente a questão do futuro, trabalho, cursos, viajar, ir para outros países.

ALUNO 1: “Sim, gosto dos assuntos”.

ALUNO 2: “SIM, Ah, aprendo facilmente. É a mais fácil pra mim. Minha preferida”.

ALUNO 3: “SIM. Porque eu acho ela uma matéria diferente, assim, eu não sei explicar, mas eu acho ela diferente. Serve para algumas coisas. Trabalho, cursos. Então, vai servir lá na frente para mim”.

ALUNO 4: “Sim. Porque sempre foi meu sonho de emigrar para algum país”.

ALUNO 5: “Gosto bastante, porque inglês é uma língua que eu gostaria de aprender, gostaria de ser fluente, eu acho importante, então eu gosto de aprender inglês”.

ALUNO 6: “Sim. Porque eu posso ter mais oportunidade para ir para o país no mercado de trabalho”.

ALUNO 7: “Eu gosto, me dou muito bem com o inglês, porque eu acho algo mesmo que inclua na nossa vida pessoal. Por mais que eu more aqui no Brasil, eu preciso do inglês para eu também aprender e saber de outras línguas, não apenas o inglês, como outras línguas também”.

ALUNO 8: “Gosto. Vai saber o futuro, né? Por aí”.

ALUNO 9: “Gosto. É tipo assim, é uma língua que muita gente, aqui no Brasil algumas pessoas dão valor e outras não dão. Mas é uma língua que depende muito de a gente querer aprender para ter um futuro lá na frente”.

ALUNO 10: “É importante. Gosto. É a matéria que eu mais gosto. É, pela questão também de ser útil, de ser necessário, também porque eu acho interessante”.

ALUNO 11: “Gosto. Acho que é bom, acho que sei lá, ajuda assim, tipo, no emprego, depois que terminar a escola vai usar pra alguma coisa”.

ALUNO 12: “Gosto. Porque eu acho a aula interessante, serve pra algumas coisas no futuro”.

ALUNO 13: “Gosto, é legal. Além de ser uma língua universal, muita gente usa, também eu estou mais familiarizada, mais por rede social, a escola, enfim”.

ALUNO 14: “Gosto. Porque não é uma matéria tão difícil para... Tipo assim, é difícil se você não quiser aprender, mas se você tiver o interesse para aprender, você acaba desenvolvendo mais”.

ALUNO 15: “Ah, eu gosto de inglês. Eu acho que é tipo uma linguagem bem diversa, assim. Então eu gosto de aprender e tal”.

ALUNO 16: “Gosto. Músicas. Eu acho que as músicas em inglês, as letras são muito mais, como é que eu explico, mais profundas que a do Brasil. Consigo entender. Sei Um pouquinho. Eu consigo aprender mais com as músicas”.

ALUNO 17: “Gosto. É porque eu acho que é uma língua fácil e também é muito falada”.

Outros respondem com mais o menos, é importante mais tem palavras difíceis, é chata, é uma língua diferente.

ALUNO 18: “Mais ou menos. Ai, eu tenho umas palavras que são muito difíceis de pegar e de gravar. Fica cansativo”.

ALUNO 19: “Mais ou menos. Porque é uma matéria, já não entendo meu português, imagino inglês”.

ALUNO 20: “Mais ou menos. Às vezes ela é meio chatinha, mas...”.

ALUNO 21: “Mais ou menos. Porque eu acho difícil de aprender. É porque eu acho que ela é muito... Complicada sim, a junção das palavras. Eu entendo as palavras sozinhas, mas quando elas se juntam eu não entendo muito bem”.

ALUNO 22: “Rapaz. É bom. Gostar é um pouco, mas acho que é interessante porque quando a gente quiser fazer alguma viagem, conversar com outras pessoas que estão de outro idioma, é uma coisa que ajuda bastante a dialogar com outras pessoas. Mas eu acho que é importante ter o inglês na escola. Porque ajuda a gente a destravar outras maneiras de falar. E aí, acho que ajuda até na comunicação. Ajuda a gente a se comunicar melhor com as outras pessoas”.

ALUNO 23: ‘Mais ou menos. Porque é outra língua, eu fico confusa”.

ALUNO 24: “Um pouco. Não é difícil, mas também é um pouco complexo. Quando a pessoa aprende essas palavras, dá vontade da pessoa aprender mais, só que se bate uma preguiça, não sei, a pessoa tenta aprender uma palavra, não consegue, a pessoa erra, a pessoa desanima. Por ser outra língua”.

ALUNO 25: “Gosto sim, mais o menos. Rapaz, acho que por conta da professora também, ano passado eu não gostava não. a professora deixa mais divertida a disciplina, eu gosto dela”.

ALUNO 26: “Mais ou menos. Às vezes tem umas palavras difíceis que não dá para interpretar muito, sabe?”.

Outros respondem que não, não conseguem entender, acha difícil, não conseguem aprender na escola.

ALUNO 27: “Piorou, porque eu não entendo nada”.

ALUNO 28: “Não gosto não. Sei lá, eu acho difícil”.

ALUNO 29: “Não. Porque eu não sei. Eu não entendo”.

ALUNO 30: “Não. Eu prefiro mais o espanhol. Eu acho que porque eu nunca fui acostumada em falar inglês. É tudo novo, então...”.

ALUNO 31: “Não. Porque eu acho difícil. Mas eu acho bonito quem sabe falar corretamente, sabe? Eu tenho vontade de aprender. Só que não aqui na escola. Fazer um curso mesmo saindo daqui”.

ALUNO 31: “Não. Eu acho difícil”.

Outros usam a palavra “acho”, acham difícil de entender, mas gostam por ser importante.

ALUNO 32: “Eu acho que eu gosto, mas é difícil de entender. Porque é outra língua”.

ALUNO 33: “Sim. Acho... Eu acho bom! Aprender língua diferente”.



Através dos diálogos aqui copiados, percebemos que a maioria fala que gosta de aprender o inglês, que acha importante, mas que também sentem dificuldade em entender as palavras. Novamente a ferramenta *Voyant*, através da nuvem de palavras mostra exatamente isso, as palavras que os alunos citam está bem retratada por essa foto do *Voyant*.

A terceira pergunta foi: “O que pode ajudar no aprendizado de inglês, o que vai deixá-lo mais atrativo?”. Alguns acham que está bom do jeito que está.

ALUNO 1: “Sei lá, eu prefiro do jeito que está. Geralmente ela trabalha com... Usa livros, apostilas... Quadro, essas coisas”.

ALUNO 2: “Na sala de aula, acho que poderia colocar mais exercícios para poder dialogar em inglês, para a pessoa aprender a pronunciar melhor. É, aprende um pouquinho mais”.

Outros acham que se trouxesse vídeos, jogos, filmes ou músicas seria legal, mas que não era de costume fazer.

ALUNO 3: “Não tenho ideia. Tipo, se ela utilizasse alguma coisa, se ela trouxesse músicas, vídeos. A música seria legal. Seria MUITO legal”.

ALUNO 4: “Ter joguinhos, brincadeiras pra gente interpretar melhor é o mais interessante, com o professor, a professora trabalhar com músicas. É... Fazer tarefas assim para ligar as palavras em inglês com o português. Quando estiver tipo um quiz das palavras, das frases, tentar pedir os alunos para pronunciar, para ver como está a pronúncia”.

ALUNO 5: “Aulas práticas, tipos de vídeos, aulas, podcasts. Assuntos de tecnologias, tipo assim em inglês, não sei mais. Melhor, no cotidiano”.

ALUNO 6: “Trazer jogos, músicas ficava mais interessante. Mas a escola não tem recurso mesmo”.

ALUNO 7: “Nada. Talvez Brincadeiras. Mas não é de costume trazer na sala de aula. É mais Livro, Quadro. Música, essas coisas não trazem, não”.

ALUNO 8: “Não sei. Acho que Jogos. Mas faz mais atividade no papel. Mas joguinho, não, Música, Não, Vídeo, também não. Só mais, assim, apostilas”.

ALUNO 9: “Eu acho que questões de utilizar mais música”.

ALUNO 10: “Eu acho que brincadeiras, né? Até porque... Eu não sei dizer, eu não sou muito fã de inglês, então...”.

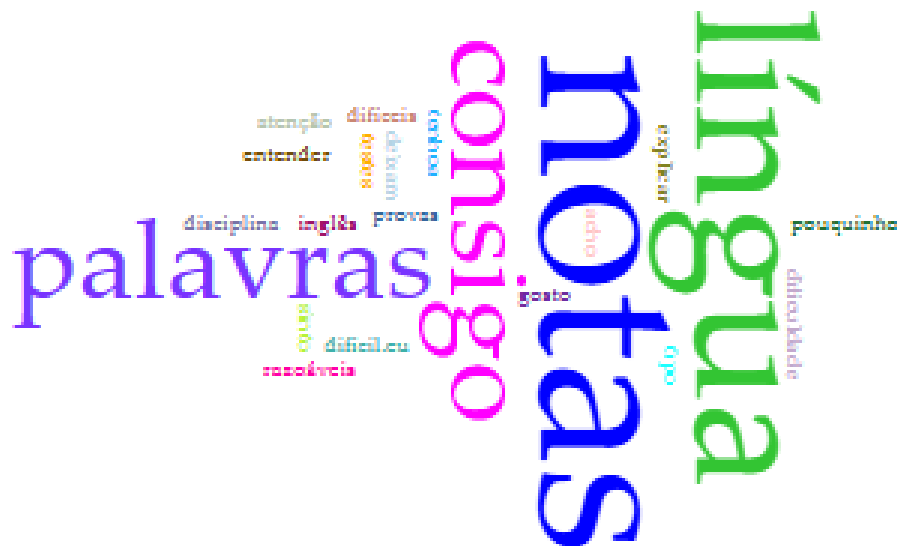
ALUNO 11: “Eu nem sei te dizer. Mas acho que um filmezinho, de acordo com o assunto, jogo, de acordo com o assunto... ficaria mais atrativo”.

Alguns acham que dinâmicas seriam melhores.

ALUNO 12: “Algumas dinâmicas. Tipo, sei lá, é porque na minha antiga escola, a professora, para deixar o inglês mais, para a gente poder mais aprender, ela fazia brincadeira com doces. Aí, tipo, ela mostrava um nome de uma cor e a gente teria que adivinhar qual era aquela cor. E ganhar um doce, se acertasse. É tipo um joguinho. Se trouxesse joguinhos ia ajudar.

ALUNO 13: “Dinâmica Tipo um joguinho com o assunto”.

A quarta pergunta foi: “Você sente dificuldade na disciplina de inglês?”. E as respostas foram bem divididas, a maioria disse que não, que consegue tirar notas boas, consegue entender o básico e passar na disciplina. Contudo, eu acho que eles têm essa percepção, pois a média para passar é baixa e a professora passa várias atividades que contabilizam como nota, então na somatória geral a maioria consegue alcançar e passar tranquilamente. Dessa maneira, para a maioria, passar na disciplina é o que importa e não o aprendizado em si. Outros responderam que mais o menos, que não conseguem entender muito bem e a minoria respondeu que tem dificuldades.



Palavras mais frequentes no corpus:

- **notas** (4); **língua** (3); **palavras** (2); **consigo** (2); **tipo** (1)

Pela nuvem de palavras e palavras frequentes mostradas pelo *Voyant*, minha percepção está correta, pois a palavra “notas” está em destaque, então essa é a preocupação maior que os estudantes tem, tirar notas boas ou razoáveis e passar na disciplina. Entretanto, nem sempre notas é sinal de aprendizado.

A quinta pergunta foi: “Os Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa são utilizados na sala de aula de Língua Inglesa?”. Antes de fazer a pergunta eu explicava o que é Abordagem Comunicativa e Multiletramentos, depois eles respondiam e em muitos momentos percebi que eles ficavam confusos e se contradiziam nas respostas.

As vezes falavam que trazia tecnologias para a sala de aula, mas quando eu pedia um exemplo, falava que trazia apostilas.

ALUNO 1: “Sim.

O que é que o professor geralmente traz? Tipo, um joguinho, já trouxe uma vez?

NÃO

Música?

Música sim”.

ALUNO 2: “Sim, traz.

Por meio de quê? Alguma coisa que tu lembra que fez com que ele trouxesse essas coisas?

Trazer o interesse das pessoas de tentar conhecer, aprender”.

Este aluno, por exemplo, não conseguiu trazer um exemplo e deu uma resposta aleatória.

ALUNO 3: “Sim.

Tu lembra alguma situação em que isso aconteceu? Tipo de alguma coisa diferente que trouxe?

Música, ela trouxe música”.

O aluno 3, por sua vez, conseguiu dar um exemplo de algo que a professora fazia que abordava os Multiletramentos. Outros não conseguiam dar um exemplo quando eu perguntava e logo após acabava falando que usava mais quadro e atividades impressa.

ALUNO 4: “Faz.

Tu lembra de alguma situação que o professor fez isso?

Não lembro.

Tipo assim, que trouxe um jogo, que trouxe uma coisa assim? Tu lembra?

Não lembro, não.

O que a professora geralmente traz que tu acha que é interessante?

É... atividade.

Atividades no quadro?

É atividade... Impressa

Tu gosta?

Sim”.

O fator do tempo das aulas foi citado, a escola não ter recurso e a falta de interesse do professor em trazer novidades também.

ALUNO 5: “Sim. Agora ela vai começar a passar. Porque na segunda unidade ela já ia passar música. E agora ela falou que vai trabalhar bastante com música. Mas ela costuma trabalhar mais com textos. Tipo, explicando uns textos fáceis, assim, coisas que a gente tem dificuldade e vai botando. Porque na segunda não deu pra trabalhar com música, ficou muito corrido, mas agora ela falou que vai trabalhar com música. Não é rotina, só quando dá sim. Quando dá, por causa que é muito rápido quando chega nas unidades, aí ela sempre que dá, ela vai pôndo música, essas coisas. E os horários também são rápidos”.

ALUNO 6: “Até agora foi só quadro e livro, a maioria da escola que eu fui não tinha tanto foco em inglês, sabe? Nessa matéria. Eu acho que tem outros meios que também poderia trazer, mas não traz porque não liga mesmo”.

ALUNO 7: “Não, não traz muito. a escola não tem muito recurso, então o professor fica restrito”.

ALUNO 8: “Eu acho que não, acho que é mais a teoria mesmo, assim, mais realmente fala a coisa do nosso dia a dia, do nosso vocabulário. Porém, eu acho que não tem muito essa dinâmica aí, não. Acho que é a escola. Do tempo da aula, eu acho que o tempo da aula que temos de inglês é muito curto, é poucas aulas, então acho que se a gente tivesse um tempo maior, mais aulas, acho que seria bem mais legal”.

ALUNO 9: “Eu acho que sim. E é muito importante porque faz a gente aprender com mais facilidade. Poderia trazer mais. Também tem questão da escola, né? E também da boa vontade do professor. Porque às vezes não quer dar uma aula normal no quadro só, não quer interagir muito. Vai depender do professor, eu acho”.

ALUNO 10: “A maioria não. Eu acho que teria como trazer. Mas é uma questão do professor e da escola”.

ALUNO 11: “Não. Mas poderia fazer. O professor traz alguma coisa assim, acho que na escola nem tanto, acho que é mais do professor, porque tem professor assim que ele pega, presta atenção assim que é ele para fazer mesmo, mas já é professor que é largado, entendeu? Não faz nada, chega na sala, entrega um papel, diz que é para fazer atividade e acabou”.

ALUNO 12: “Nós discutimos sobre esses temas, mas trazer não tem recurso adequado. Teria como trazer fazendo pelo celular, porque todo mundo tem internet,

todo mundo tem internet. Muitos que não usam, mas tem. Tem como trazer, tipo assim, não é questão da professora. Muitos não têm o desempenho e o interesse em fazer. Mas que tem como fazer, tem. E sim, o professor é compreensivo”.

Segundo os estudantes, a professora é compreensiva e traz as atividades para a realidade dos alunos.

ALUNO 13: “Ela é compreensiva. Ela pode nos ajudar a melhorar. Acho que isso é importante porque ajuda a gente que não tem muita dinâmica sobre o inglês. Acho que de certa forma é bom sempre ter paciência para poder administrar a gente. No caso dela, tecnologia, você se refere mais ou menos a celular, essas coisas? Com a gente ela trabalha mais aquelas atividades que a gente está fazendo. Uma dinâmica com atividade, entendeu? Atividade imprensa, não é muito joguinho”.

ALUNO 14: ‘Faz. É compreensivo. Ela passa mais atividade... Imprensa. Eu gosto...Traz músicas”.

ALUNO 15: “Sim, ela é bem ativa, entende, faz os alunos entenderem. Mas poderia trazer mais tecnologias. Eu acho que é questão da escola também, por causa de recursos. Daria para dar um aprendizado melhor para os alunos”.

ALUNO 16: “Às vezes. Não é sempre não, dava pra trazer mais. Eu gosto, deixa mais atrativo. Ele ajuda, a gente erra e tudo mais, aí ele pega, vê onde a gente errou pra gente pegar e... Aprender melhor. Aprender mais. Melhorar”.

ALUNO 17: “Não, a gente faz mais atividade mesmo, aquelas folhas pra gente ir respondendo. O professor costuma ser compreensivo, ele ajuda a melhorar, se errar ele traz para a realidade as atividades”.

ALUNO 18: “A minha é mais compreensível, porque ela traz muito texto para a gente ler. É, e pode traduzir o que a gente entendeu. Não traz muita tecnologia. Deveria trazer mais, acho que é questão dela, né? Planejamento dela”.

O novo Ensino Médio foi citado, afetando a qualidade das aulas, por falta de transporte para ficar em tempo integral na escola, os alunos da Zona Rural não conseguiam assistir as aulas do turno da tarde, pois não tinha ônibus para voltar para casa no final do dia.

ALUNO 19: “Sim. Bom, aqui eu não cheguei muito frequentar as aulas da professora, porque era mais pela tarde. E eu não posso ficar tarde, mas pela manhã, pelo que eu acompanhei, ela traz atividades assim que dá para entreter o aluno. Música, essas coisas lá”.

E na maioria das respostas dava para perceber que a única coisa diferente e dinâmica que a professora trazia era músicas, atividades no Duolingo e as vezes slides.

ALUNO 20: “Aqui não. A professora tipo, ela traz slides, sim, pra apresentar os trabalhos, mas de trazer vídeo, assim, alguma coisa divertida pra gente fazer, não. Não sei se daria para trazer mais. É porquê... Tem muito feriado, sabe? Aí muitas vezes a gente não tem aula. E aí fica difícil para eles falarem o conteúdo. Só se fosse jogos de acordo com o conteúdo. Porque quem tem que decidir é a professora”.

ALUNO 21: “A professora é assim, ela passa dinâmicas, passa vídeos, passa o telefone para casa, passa os filas também que tem desenhos, faz muitas dinâmicas, mas no geral a sua vida não é muito comum, é mais a pro daqui que é para essas questões. A que tive ano passado não era assim”.

ALUNO 22: “Traz. Participa das atividades. De vez em quando passou alguma coisa no projetor, slides”.

ALUNO 23: “Sim, ela traz. É, ela é bem comunicativa tem horas, tipo, ela passa umas lições no Duolingo pra gente. Eu acho interessante. Pra casa, pra sala, a gente pode fazer a qualquer hora. Quando lançar, sim, a gente pode fazer, dava pra trazer mais. Alguns gostariam, mas alguns gostariam mais. Alguns gostariam, mas alguns... Porque tem outros que não. Não adianta, não liga pra nada”.

ALUNO 24: “Mais ou menos, a nossa professora de inglês, ela adotou o sistema do Duolingo para a gente fazer. Aí conta com os pontos na unidade. Aí ela também faz atividades, tipo, de um texto, que tem um texto, e as perguntas do texto, dá para trazer mais tecnologias para a sala de aula. Tipo, agora com o estado que a gente recebeu, computadores, celulares. Mas a escola teria que disponibilizar o Wi-Fi. Aqui não tem. É só a secretaria que usa. A professora, ela costuma ser compreensiva. Sim, ela é incrível”.

ALUNO 25: “Trás. Frequência, toda semana faz o duolingo. Na sala de aula faz só o duolingo, deveria trazer mais coisas”.

ALUNO 26: “Sim. Tipo, um joguinho, não traz muito. Traz Música as vezes. É, dava para trazer mais coisas. Trazer o interesse das pessoas de tentar conhecer, aprender”.

ALUNO 27: “Sim. Música, ela trouxe música, o recurso da escola atrapalha essa questão de não trazer mais. Tipo o horário ser curto ou não ter uma TV na sala complica um pouco essas coisas”.

As escolas tem uns tablets, que é para ser usado nas aulas com os alunos, mas pelo que percebi, esses tablets são pouco usados, talvez por cuidado e proteção excessiva. É necessário o cuidado, entretanto, pode sim ser usado nas aulas sobre supervisão dos professores e após o uso, serem guardados cuidadosamente novamente.

ALUNO 28: “Não faz muito, mas poderia fazer. porque a escola também é um pouco preguiçosa para essas coisas. Aí se o professor ficasse em cima insistindo, ela ia liberar um pouco. Porque aqui que tem uns tablets, um negócio assim, que você pode trazer para a sala de aula para usar nas aulas. Mas não usa”.

Em geral o que mais é usado são atividades no quadro e impressas.

ALUNO 29: “Não, aí não, aí não. Geralmente é mais questão de apostila, essas coisas, impressa, dava pra trazer mais coisas dinâmicas. Eu Gostaria, sim”.

ALUNO 30: “A professora, ela traz mais. Atividades assim, sabe? Em papel, geralmente. Mas eu gosto desse tipo de usar a tecnologia para ajudar a gente. Só que a professora não utiliza muito disso. Poderia usar mais, porque eu acho que deixa a aula mais interativa”.

ALUNO 31: “Bom, geralmente não. Na sala tem a disciplina de inglês, a professora faz mais atividades no quadro, dava pra trazer mais coisas seria bem legal se trouxesse. Deixava mais atrativa a disciplina, seria até melhor para os alunos prestarem mais atenção na aula, seria uma aula mais divertida. Assim, eu acho que não é questão de recursos, porque na sala tem o projetor, que daria para projetar no quadro. Então, eu acho que é mais questão da professora mesmo, trazer”.

Anteriormente em outra pergunta, citei que os alunos estão mais preocupados em notas do que em aprendizado, aqui vai mais uma fala que comprova essa percepção. Através de vistos nas atividades, testes e provas eles conseguem as notas necessárias.

ALUNO 32: “Aham, sim. Tipo, todo mundo conseguiu tirar mais nota em inglês do que em português. É, conseguiu aprender mais. Aí consegue mais pontos, atividades, visto, teve mais ainda. Jogos até. Jogos já teve, de vez em quando poderia trazer mais. A aula ficaria mais atrativa se trouxesse”.

A sexta e última pergunta foi: “Quais sentimentos a aula de inglês te trás?”.

ALUNO 1: “Eu me sinto bem porque, tipo, desde quando eu era pequena, meu sonho era aprender inglês. E eu não tive a oportunidade na outra escola que eu estudava de ter, tipo, uma professora que passasse um assunto que eu poderia interagir e tirar notas boas. Eu sempre tirava nota baixa, assim. No nono até era fácil, só que eu não entendia. Porque a professora só passava atividade muito simples, mas não explicava. Então, eu tinha como entender a prova, mas não tinha como entender o conteúdo. Já nesse ano, já consegui, porque a professora já explicou melhor. Já consegui tirar nota mais alta, entender o assunto, entender o significado de boas palavras”.

ALUNO 2: “Um pouco de pressão, mas é bom. Me sinto alegre”.

ALUNO 3: “Feliz. Nunca me senti com medo”.

ALUNO 4: “Agoniada para acabar logo”.

ALUNO 5: “É bom porque, tipo, eu gosto muito do inglês porquê... dá pra entender os estrangeiros, sabe? gosto de aprender coisas diferentes. Eu me sinto feliz”.

ALUNO 6: “Sinto-me feliz. Gosto disciplina e da professora”.

ALUNO 7: “Normal. Médio, nem feliz, nem triste, nem alegre”.

ALUNO 8: “Me deixa mais confusa, porque às vezes o professor não sabe explicar muito bem o que é para fazer e acaba confundindo a mente de todo mundo. Acho que a turma ser muito cheia também atrapalha muito”.

ALUNO 9: “Mais ou menos. É bom e é meio diferente ao mesmo tempo. Eu gosto. Porque aprende outra língua que a pessoa aqui no Brasil não tem, né? E não fala com muita gente”.

ALUNO 10: “Assim, dependendo da aula, às vezes eu fico um pouco confuso, mas eu acho bem divertido a aula de inglês, porque é uma matéria que eu gosto já, entendeu? Eu já tenho o costume de jogar vários jogos, assim, eu presto atenção, aí eu jogo mais inglês, jogos que não tem português, eu já tenho a linguagem em inglês, então eu já entendo o básico, então eu já sei, consigo entender mais. o professor costuma ser compreensivo, ela ajuda. Geralmente quando a gente tem dúvida, a gente pergunta, ela responde tudo certinho”.

ALUNO 11: “Alegria, confusão um pouquinho na mente, um pouco de raiva por não saber as palavras certas, porque não é uma coisa que a pessoa costuma fazer

sempre, né? Aí, conforme a rotina vai se acostumando com o português, aí não liga muito com o inglês”.

Mais uma vez o sentimento de gostar da professora foi retratado, bem como a necessidade de aprender para se for necessário viajar, morar fora. Muitos falaram que se sentem feliz, outros confuso por ser outra língua, outros não se importam tanto, assistem, pois é necessário, cada um com um sentimento diferente. A baixo estão as palavras mais citadas pelos alunos.



E para finalizar esse capítulo, colocarei a baixo as palavras mais citadas nas respostas das seis perguntas, analisadas pelo *Voyant Tools*. A primeira imagem será uma nuvem de palavras, a segunda as palavras mais citadas e a terceira palavras em links, ligam sentido de uma palavra para outra.



Palavras mais frequentes no corpus:

- **acho** (97); **gente** (68); **inglês** (56); **gosto** (38); **tipo** (36); **trazer** (33); **traz** (31); **escola** (30); **pra** (29); **língua** (29); **aprender** (29); **aula** (27); **professora** (26); **só** (24); **coisas** (24); **importante** (21); **né** (19); **música** (19); **professor** (17); **feliz** (17); **então** (16); **sala** (13); **entender** (13); **ajuda** (13); **pessoa** (11); **palavras** (11); **mesmo** (11); **jogos** (11); **poderia** (10); **músicas** (10); **atividades** (10); **quadro** (9); **país** (9); **muita** (9); **melhor** (9); **falar** (9); **difícil** (9); **atividade** (9); **saber** (8); **português** (8); **matéria** (8); **interessante** (8); **aulas** (8); **alguma** (8); **trabalhar** (7); **sinto** (7); **pessoas** (7); **passa** (7); **legal** (7); **entendeu** (7)



A última imagem, são as palavras que mais aparecem e em quais outras palavras elas se conectam, por exemplo, tecnologias se conecta a vídeos e compreensiva se conecta a professora. Fatos que os alunos falaram repetidamente nas respostas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar como as interfaces aqui propostas entre a Pedagogia dos Multiletramentos e a Abordagem Comunicativa podem facilitar o ensino/aprendizagem de LI no Ensino Médio, de duas escolas públicas estaduais do município de Serrinha no estado da Bahia. A pesquisa foi feita com sucesso e os resultados obtidos foram o que era esperado. A coleta para a análise foi feita com cinquenta alunos, todos responderam com paciência, enriquecendo as respostas com suas opiniões.

A pesquisa foi capaz de mostrar de forma sincera e única, o que os alunos achavam da disciplina de inglês, da forma na qual ela era conduzida e os motivos pelos quais achavam isso. Foi observado que a Abordagem Comunicativa é usada nas aulas, através da compreensão da professora, na tolerância com os erros, instigando a melhora dos mesmos e do método de trazer as atividades para a realidade dos alunos, buscando facilitar o entendimento deles. Todavia, os Multiletramentos não são tão usados, muitas das vezes por vontade própria, outras vezes por falta de recursos, de internet e de espaço propício, as estruturas das escolas são mal preparadas para aulas dinâmicas, tornando novos projetos mais difíceis de serem realizados, apesar de não serem impossíveis.

Os alunos de ambas as escolas gostam muito da professora, o que facilita a vontade de participar das aulas. O uso dos Multiletramentos e da Abordagem Comunicativa ajudaria a motivar ainda mais esses alunos, deixaria a aula menos monótona e mais atrativa para eles. Dessa maneira, seriam mais bem aproveitadas e divertidas.

Em suma a coleta foi um sucesso, foi um período árduo, mas feliz e prazeroso. Assim, espero que este trabalho contribua para novas visões de ver as aulas de Língua Inglesa, podendo trazer motivação para os docentes a se dedicarem mais a ensinar com amor e aos discentes a aprenderem com paixão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Editora Pontes, 1993.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 70, 225, 1977.

BISSACO, C. M. **Pós-Método: O Importante Papel da Reflexão do Professor nas Escolhas em Sala De Aula**. Travessias, Cascavel, v. 9, n. 1, p. e11792, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Brasília, 2020. BRITISH COUNCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Data Popular. São Paulo, SP: British Council Brasil, 2014.

COSCARELLI, C. V.; CORRÊA, H. T. **As boas influências: Pedagogia dos Multiletramentos, Paulo Freire e BNCC**. Revista Linguagem em Foco, v.13, n.2, 2021. p. 20-32.

DUTRA, D. P.; MELLO, H. R. **Anais do X Encontro de Linguística de Corpus: aspectos metodológicos dos estudos de corpora / Deise Prina Dutra, Heliana Ribeiro de Mello (organizadoras)**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

ELUF, C. A. **Nova Interface Pedagógica: Linguística de Corpus + Multiletramentos**. 132 p. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERBER, R. M.; VASILÉVSKI, V (org.). **Um Percurso para Pesquisas com Base em Corpus**. Editora da UFSC, Florianópolis, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRUPO NOVA LONDRES. **Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais**. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Salemme Bolsarin Blazotti, Roziane Keila Grando. Revista Linguagem em Foco, v.13, n.2, 2021 p. 101-145.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **A new literacies reader: educational perspectives**. New York: Peter Lang, 2013.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236. Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas. Campinas.

LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RIBEIRO, A. E. **Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI**. *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros*, v. 9, p. 1-19, 2020.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus: histórico e problemática**. *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, 2000 (323-367).

SCHLINDWEIN, A. F.; SORTE, P. B. **Métodos De Ensino De Línguas: Uma Visão Geral**. CESAD/UFS, 2011. p. 56-67.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24ª Ed. São Paulo: Cortez editora, p. 1-233, 2017.

TAKAKI, N. H.; SANTANA, F. B. **Entendendo os Novos Letramentos da Perspectiva Educacional: foco nas práticas sociais diárias**. *Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP, Aquidauana*, v.1, n. 1, p. 52-66, out. 2014.

VIEIRA, I. L. **Velhos, Novos e Multiletramentos: Introduzindo Conceitos**. *Revista Linguagem em Foco, Fortaleza*, v. 4, n. 1, p. 81–92, 2019.